

XIII Jornadas Diocesanas da Pastoral da Saúde

A PARÓQUIA E O HOSPITAL

Lisboa, Auditório da Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo
19 e 20 de Abril de 2008.

Trabalho da Ir. Júlia Barroso

A RELAÇÃO DA PESSOA DOENTE COM O HOSPITAL

- A IDA À URGENCIA: triagem, atendimento, decisão
- A PASSAGEM PELO CENTRO DE SAUDE – o tipo de cuidados a prestar
- O INTERNAMENTO EM MEDICINA INTERNA OU EM CIRURGIA, NO HOSPITAL
- APOIOS E REFERENCIAS QUE A PAROQUIA PODE DAR: acompanhar no domicílio e visitar os doentes
- O ACOMPANHAMENTO DA PESSOA DOENTE AO HOSPITAL E A VISITA À PESSOA HOSPITALIZADA

HUMANIZAR A CIDADE PRATICANDO A PROXIMIDADE.

Eu quero simplesmente partilhar a minha experiência convosco... Vou fazê-lo desde a perspectiva do sector da sociedade mais empobrecido e por isso mais fragilizado, aquele que apenas recorre ao serviço publico de saúde, porque não tem possibilidades de ir ao privado onde a realidade é outra...

De facto no meio onde vivo não abundam as queixas de mau atendimento quer no hospital, quer no Centro de saúde; todo o pessoal tenta ser acolhedor e simpático. Poderia narrar muito gestos de verdadeira humanidade por parte de médicos, enfermeiros e outros auxiliares ao serviço da saúde. Existem, como é lógico, outras muitas situações, algumas mais chocantes: fomos encontrar uma vizinha num estado verdadeiramente lamentável ao nível da saúde física, psíquica. O não ter alguém que a orientasse para tratar dos papéis, obrigava-a a pagar consultas, exames e medicamentos mais caros... ultrapassado este obstáculo a sua médica de família por três vezes recusou bruscamente a acompanhante na consulta. O medo desta cliente era de tal forma que numa das vezes teve que recorrer a uma farmácia que a aconselhou a pedir mudança de

médico... era uma africana de cor. Uma mulher, de entre tantas, abandonada pelo Sistema vigente.

Ainda é desesperante o tempo de espera dentro das Urgências. Mais rápida a triagem, depois são horas a fio à espera, com mil e um episódios pelo meio (um pequeno lapso do médico na comunicação electrónica com os outros serviços, implica mais duas horas de espera) Se se der o caso do internamento é frequente estar desde manhã até à noite, ali de espera em espera sem se saber o momento da chamada para o resultado dos exames, ou da decisão final. No caso de ser o internamento noutra hospital duas horas é o mínimo para a espera de uma ambulância que conduzirá o doente... Não vai há muito que uma irma da minha comunidade acompanhou um idoso que vive sozinho, entrou no hospital pelas 9h da manhã e só regressou a casa às 2h da manhã do dia seguinte depois de deixar o doente noutra hospital...

Num destes dias uma senhora ainda jovem numa destas “eternas” esperas gritava; não havia pessoas por ali atentas a acompanhar... e só quando ela deu o grito final, de morte, acorreram os médicos e enfermeiros... Não foi de facto um morrer com dignidade foi de desespero e solidão entre tanta gente, uns na fila de espera outros a correr de um lado para o outro.

Para males menores, estão os SAPs... Só o pensar que temos de ir para as urgências do Centro de saúde ficamos com dor de cabeça: acompanhamos um jovem (um mais de tantos abandonados a si próprios onde o sentimento mais fundo é a rejeição por parte de todos) que por fim aceitou ir ao médico para iniciar um processo de recuperação; ir às urgências do Centro de Saúde era a única solução porque não tem médico de família... Ter-se-ia de sair bem cedo para conseguir uma senha de modo a não ter de ficar até noite dentro. Estar horas a fio esperando era algo insuportável para o nosso amigo. Chegou a ser possível uma primeira consulta mas já não aconteceu uma segunda. O processo foi truncado...

Para muitos uma simples consulta implica perder um dia de trabalho, algo complicado e com consequências ao nível económico...

Surpreende-me como a maioria destas pessoas, as das periferias, as marginalizadas pelo Sistema morrem mais cedo... e como são complicados os finais de vida... O jogo do empurra é a prática mais comum: o hospital não oferece serviço de cuidados continuados, ou “já não tem mais nada a fazer” e envia para casa, mas na realidade não existem condições familiares, que possam acolher, acompanhar e sustentar a pessoa (nestes meios a desestrutura é o mais frequente...). Conseguir equipamentos para acolher este tipo de pessoas, é impossível... tantas buscas, tantos telefones que oferece ao familiar a assistente social do hospital... Se tem possibilidades económicas, melhor ou pior consegue... mas se não... e as burocracias exigidas são muitas... entretanto já faleceu mais um vizinho que apenas tinha sessenta e tal, setenta anos... e outras mais jovens... Por estes dias num dos elevadores do Hospital uma mulher lamentava-se chorando que tinha de levar o seu marido para casa porque não podia continuar a pagar a diária no hospital...

Uma mulher nossa vizinha e amiga aos seus 37 anos fica sem o segundo marido. E sozinha durante um mês teve que lhe dar assistência, não podia ficar mais tempo no hospital... recorreu a outros serviços da Santa Casa... mas o choque de morrer em casa para ela foi muito forte... Ela não pôde escolher... foi obrigada, teve que ser assim... O silêncio e a submissão é a atitude mais frequente de tantas mulheres que estão desiludadas e sem esperança, melhor é a resignação do tem que ser...

O buraco orçamental, e a conseqüente empresalização, está a conduzir a uma cada vez maior desumanização porque já não se trata de assegurar um direito fundamental - o acesso equitativo aos cuidados de saúde -, mas sim do “negócio da saúde”.

Então, como cristãos – seguidores de Jesus e do seu Evangelho – poderemos sempre abraçar novas causas, reinventar uma **nova economia, fundada na cooperação e na solidariedade**. Que valoriza cada pessoa independentemente da sua cultura, da sua raça ou condição social, buscando um Projecto comum de Humanidade. “Transformar o Mundo juntos”. O pequeno mundo do próprio coração, do próprio lar, da vizinhança, da paróquia, da cidade... o mundo da política, da economia das instituições... **OUTRA HUMANIDADE É POSSÍVEL, OUTRO SISTEMA DE SAUDE É POSSÍVEL**. O nosso Deus é um Deus de vida e de amor. Um Deus que nos pede **praticar a religião**

como justiça, serviço e companhia. Um deus que separa a humanidade não é Deus, é um ídolo que mata.

Esta tarefa de humanizar a Humanidade, humanizar a cidade, realiza-se praticando a proximidade. O Evangelho em Lc 10,25-37 oferece-nos a parábola paradigmática para essa práxis humanizadora. A resposta de Jesus à pergunta do mestre da lei é desconcertante e provocadora: Próximo é aquele que de quem me aproximo e, em primeiro lugar, os caídos no caminho, as pessoas que estão à margem ou nas “margens”, as mulheres violentadas e submetidas... os emigrantes suspeitos, os estranhos de quem não quero saber..., ocupado/a como estou nos meus negócios, no meu trabalho, e talvez no meu culto...

(hoje as mulheres e crianças traficadas são das mercadorias mais rentáveis. A Santa Sé alenta todas as iniciativas justas que contribuem para suprimir este fenómeno imoral e criminoso e para promover a recuperação e o bem-estar das vítimas»). Será que os nossos hospitais e centros de saúde estão alertados e sensibilizados para reconhecer, sinalizar e estabelecer rede com os serviços que têm a missão de acolher estas vítimas? De todos os modos um acompanhante, um visitador/a terá de perceber os sinais, saber abordar, ter capacidade de empatia...

Eu devo tornar-me próximo/a **descobrimo o próximo** buscando-o, acolhendo-o, dando e dando-me no serviço. Sem fazer excepção de pessoas, sem medo de me contaminar... Eu tenho a experiência de que só a paixão por Jesus me pode libertar dos medos, dos preconceitos, e só a paixão pela humanidade me dá o sentimento de alegria enquanto acompanho uma mulher de cerca de 40 anos, desdentada, loira, de mini-saia, com apenas 38 quilos de peso... ao chefe de um restaurante no aeroporto... onde nos olham de alto a baixo... e que depois da entrevista feita com tanta profissionalidade, delicadamente a rejeita porque não tem perfil... Levantar esta mulher implica um acompanhamento em processo até que levantada, caminhe sozinha... mas tratar os dentes no hospital é por uns anos. Depois terá que recorrer à Santa Casa para colocar a prótese... e alguns anitos mais... e no final apenas dá uma participação... esta mulher vive com cerca de 200 euros ao mês... a fome ainda existe ao meu lado...

Humanizar a cidade praticando a proximidade é uma utopia. Sim a UTOPIA, é tão necessária como o pão de cada dia... Porque não podemos, não devemos, aceitar passivamente um sistema de capitalismo selvagem como chamam alguns. Precisamos

de reinventar uma economia de convivência de relações novas, um trabalho em rede, um abraçarmo-nos na compreensão e na complementaridade. A ciência, a técnica, o progresso, somente são dignos do nosso pensamento e das nossas mãos se nos humanizam mais.

O acompanhamento personalizado e continuado que abrange a pessoa no seu todo torna-se urgente. A grande maioria dos empobrecidos e excluídos têm uma fé muito genuína, elas rejeitam que alguém lhes vá falar de Deus, porque a sua imagem de Deus, a sua visão de Igreja é aquela de um deus injusto que a não impediu de viver o que viveu... uma Igreja de ricos que dá esmolas mas não levanta os caídos..., passa adiante, não se implica, não salta para o terreno, não cria laços. A linguagem ritual não a entende... Os sacramentos deveria ser a celebração do culminar de um processo muito longo. Foi tão bonito o testemunho de há dias do Pe Cruz capelão da CUF narrando o momento de despedida de uma mãe junto do seu filho de 8 anos e do marido na cama do hospital... uma despedida deste mundo e dos seus serena e envolta de muito amor. São casos raros.

É possível criar grupos de voluntários que trabalhem em rede com outros serviços. Vizinhas entre vizinhos... Gente que está no terreno que conhece, vai às casas, pode ter de acompanhar ao hospital ou Centro de saúde, que visita em caso de internamento, que sabe do seu retorno a casa... Mas neste processo de humanização precisamos de unir esforços. Por estes dias com o consentimento e pedido duma doente de alto risco, alguém se dirigiu ao hospital para falar com o seu médico. Na já terceira tentativa, depois de uma hora à espera que o médico lhe dedicasse um par de minutos, esta pessoa foi avisada que só pelas 13h seria atendida. Tinha chegado por volta das 9h. Os livros de reclamações não estão acessíveis.

Quantas pessoas acamadas por anos, só porque não tiveram quem as levasse a sair do andar, a dar um passeio a pé ou em carrinho de rodas? O isolamento de muitas idosas e idosos é impressionante... a passagem da barraca para o prédio, ainda por cima com elevadores a não funcionarem durante tanto tempo, para muitas pessoas idosas ou deficientes foi o passar a viver em “prisões domiciliárias” sem terem cometido qualquer crime... Eu proponho a elaboração de um plano de acompanhamento personalizado. Num trabalho em rede, Plano Alternativo ao que já existe ao nível das instituições que obedecem a burocracias... E as burocracias têm que obedecer ao Sistema economicista que hoje nos domina a todas e a todos.

Nas Paróquias vivas, onde surgem espontâneamente pessoas vocacionadas para o serviço gratuito, podem existir serviços de apoio que são uma mais-valia para a humanização dos nossos hospitais. Pessoas cuja imagem de Deus é a de Jesus de Nazaré, não a de Freud, pessoas que no anonimato trabalham repetindo o gesto do lavar-pés de Jesus na Última Ceia.